



# **COMO AS CRIANÇAS DIZEM**

**ana kiffer**

Foto | Duane Michals

Polichinello

a partir do 17/4/2016. depois do texto o que as crianças dizem, de gilles deleuze. muito depois da introdução a vida não fascista de michel foucault. muito depois de 64 também, mas ainda assim para as famílias que sofreram com a ditadura civil militar no brasil. essas migalhas. as quais nomeio, por ora,

como as crianças dizem

escrevo isto. apenas. porque já não vejo. e sequer parece plausível dizer:  
porque por ora não vejo... vocês verão.

quando comecei a pensar? aquela vista esquerda tampada. essa cegueira que  
me obrigou a tatear o escuro.

em que momento poderia dizer que comecei a ser acometida por uma  
imensidão de coisas que não sabia? ou tão só pelo fato bruto. aquele que  
lanha a carne. e cega a vista.

sou incapaz de guardar nomes. de cantores, de escolas, de autores. por isso  
não consigo escrever a história das coisas. ou a crônica do pensamento. e as  
suas escolas citacionais. acabo situacionista. perdida num mapa  
psicogeográfico de intensidades afetivas. intensidade não é igual a excesso.  
leiam e voltem. com a peste no corpo. apenas um. ao menos algum.  
continuo me confundindo muito acerca dos nomes.

de fato o que delineava essa sensação? não saber. e o seu sofrimento  
próprio.

no princípio não era o verbo. era a metafísica. as dúvidas acerca da origem,  
seria mesmo filha dos meus pais? a história deles, os segredos que devíamos  
guardar... mas nunca se entende bem. as coisas ditas subjazem ao silêncio.  
tudo o que não pode falar. essa matéria que hoje pulula como a forma larvar  
de todo ato de pensamento. não entendia bem do que falavam exatamente.  
como vocês agora a mim.

entre o que ouvia atrás das portas. ou quando fingimos que dormimos. os esconderijos labirínticos da minha infância. construo caixas e nela me escondo. naquela escola. rezava. marchava. ninguém devia saber esse algo que (eu mesmo não entendia bem) mas que... de fato. algo havia ocorrido. aquela família. eu nela nem existia ainda. se entendemos que existir depende mesmo de um eu. estava algo ali pulsando. na barriga da minha mãe.

podia rezar. na escola. não em casa. marchar na escola. não em casa. não podia mesmo falar no telefone. e ele ali. aquele objeto de fascínio. cinza com seu disco de plástico transparente. letras e números vermelhos e pretos. formando um algoritmo complexo. um mundo de códigos. em que tudo rodava. a forma dos dedos, mesmo os mais pequenos como o meu, impunha-se ao círculo, que com alguma força se deixava girar. tornou-se um objeto raro esse troço.

aos domingos esse mesmo aperto no peito. sim o do dia 17. este domingo. quando ouvia a música na televisão é fantástico...eu e meu irmão corríamos, nos escondíamos, estávamos seguros de que o mundo iria acabar. a voz grave do repórter, o barulho do helicóptero sobre a violência do encontro das águas...

acabamos construindo a nossa primeira célula de saber, nela havíamos finalmente entendido: pororoca é comunismo!  
e o amaral neto vai nos pegar.

quando já depois de tantos poemas e versinhos, lá pelos sete anos. quando depois daquele dia em que sentei ao teu lado.  
você separando papéis.

passamos tanto tempo separando papéis. guardando-os. buscando-os. perdendo-os.

lembro-me apenas do seu baú da prisão. um misto de caixa. de sacos. de pedaços. a história do sentinela que te salvou do choque. o jogo de cartas. tudo muito embaralhado. jamais poderei escrever esta história. sim a fortaleza de são joão. nunca consegui entrar. depois que meu eu veio habitar esse amontoado de outros pequenos eus, que como eu andam degladiando-se para sobreviverem. mesmo que seja ele essa parte tão insignificante. essa quase matéria. esse pequeno pedacinho enervado. sintético. essa coisinha a qual mimamos diariamente. para o coleguinha não pisar. sim, é muito pequeno. as vezes não vemos. há muita gente hoje no mundo.

lembro algo empardecida de algumas das suas cartas. ah sim, lembro das amizades perdidas.

quando comecei finalmente a ler fernando pessoa, que alívio. não estávamos sozinhos fugindo da pororoca. entendi finalmente a origem desses seres ínfimos, os eus. e agora sim podia dizer com orgulho que sabia de onde vinha. chama-se: o imenso desconhecido. por isso mesmo melhor manter a estatura de cada coisa. e guardar dentro de si. naquele bolso velho da calça, este pequeno eu. agora tudo se encaixava. a parte o barulho do helicóptero. e alguns nomes dos quais não lembro.

mas não importava. porque descobrir o imenso desconhecido trouxe um mundo de maravilhas. encontrei vários nomes para o que acometia essa outra parte. que não era a do ínfimo eu. localizando-se um pouco mais abaixo. dividindo-me ao meio. uma faca sem lâminas. e uma cavidade imensa. algo que a geografia as vezes chama de vale. entre um peito e outro.

este talvegue. lugar preciso e precioso. centro-nodal da angústia. este é apenas o outro nome. sim descobri vários nomes. o que para alguém com esse trocinho de eu. que não guarda nomes. era a disneylândia do pensamento.

mas nada compara-se às curvas. aos sons. essa viagem beat que empreendi ainda aos doze com outro pedacinho de eu, do imenso desconhecido, aquele pessoa. os cheiros de caeiro. vou escrever um dia sobre os cheiros de caeiro. sentia-me em casa tendo que tatear cada uma das suas palavras. perfeito para quem carregava uma vista tampada. eu passava as mãos nas palavras. nunca consegui fazer esse gesto de novo. cruel. irrepresentável. passar as mãos nas palavras. formador dessa pornografia que acabou constituindo todo e qualquer pensamento. um mundo infantil de mapas tácteis. entendi que ali no meio daquilo era o meu lugar. um imenso desconhecido abrigando tudo o que é ínfimo. e que pulula. os pequenos eus. a metafísica encarnando-se. e o paraíso era aqui. era agora.

mas não adianta. não há paz no paraíso. e a metafísica é um desassossego. aquela puta não tinha sequer esse nome. e continuava me forçando a não saber: ‘quem sou eu? de onde venho? para onde vou? sou antonin artaud, digo como sei dizê-lo. imediatamente vocês verão meu corpo atual voar em pedaços. e se reunir outro. sob dez mil aspectos. um corpo notório. que vocês jamais poderão esquecer’. pobre artaud. desgraçado. perdeu a estatura das coisas. esqueceu do ínfimo. e deixou que a imensidão ocupasse o seu pequeno e frágil eu.

mas deixou ali um amontoado de migalhas. ando com elas no saco. esperando a hora de espalhá-las. a maior de todas elas: tudo aquilo que vocês ainda creem que é uma espécie de lodo íntimo inconfessável na



verdade eu mesma que não assegura nada posto que não sei quem sou nem lembro nomes. tudo isso. nada mais é do que a lama de um comum.

aquele ponto mínimo, feito alvo. o bico do pássaro na janela. chamando-nos para voar. apenas um toque. o que por um instante inocula. no seio dos pequenos eus esse gérmen do impessoal. essa zona. em que já de novo não sabemos mais.

quando aquele pedaço inerte de corpo a que chamamos eu tinha crescido um tantinho encontrei um homem de cachimbo no canto da boca. velho. muito velho. poucos cabelos. brancos. ele também. mais recentemente encontrei-o de novo. mas era outro cachimbo. e ele era negro. o velho tinha olhos vidrados. por detrás de lentes pequeninas. redondas. queria uma máquina ocular como a dele. mas o curativo que tampou meu olho esquerdo não funcionou. e aquilo exigia máquinas mais grossas para o meu caso. também na parte do mundo em que me amontoava com os outros pequenos eus haviam poucos modelos. pouco dinheiro. e muita. muita gente amontoadas. poucos também aqueles que conseguiam escapar das multidões proliferantes. destacando-se uns dos outros. em caixas bem trabalhadas.

mas não importa. consegui uma máquina capaz de falar com ele. com o velho de cachimbo. e com ele descobri que palavra molhava o olho. no meu caso, mesmo aquele que não queria ver vertia um líquido espesso. chamava-se choro.

entendi uma substância fundamental do imenso. ela praticamente revogava por instantes a existência dos pequenos eus. e desacelerava o tumulto e a guerra por um intervalo breve sentido no oco do meu talvegue. entendi que o findar das coisas. que a transitoriedade da vida. que essa passagem que faz

dos eus transeuntes anônimos e precários era o início de todo gesto de criação. mas não parou ai. o cachimbo que aquele velho fumava era foda. entendi que o findar de um mundo coincidia com a criação de uma pequena coisa. um algoritmo, como o telefone, por exemplo.

abraçei aquela tristeza que acinzentava desde sempre o meu olhar, e mesmo o tampado. ainda hoje sem saber de onde vem. apenas a seta de um certo abismo que se experimenta quando tudo ao redor fala mas também se cala. essa clandestinidade da existência quando dela tocamos a sua vulnerabilidade. a nossa. a minha.

mas o desassossego. e a solidão. não me deixavam lançar-me de todo nesse abismo anímico do mundo. a eles agradeço. sempre. as vozes que se ouvia. os corpos que atravessavam o quarto da criança. os mapas. as cabanas. esse burburinho. as plantas. os pássaros. seria preciso muita solidão para permanecer na floresta. falando com aquela multidão informe de vozes. e afrontando a pororoca.

desde cedo queria ser livre. mesmo que nem essa palavra eu conseguisse entender. o universo concentracionário do qual escapava. e o helicóptero. a minha família do lado de cá do muro. e nele, do lado de fora, escrito em letras garrafais, e em vermelho: “aqui mora um comunista”. outra célula primordial do entendimento: o intramuros.

talvez hoje, nesse estado em que a solidão já não se define pelo estar sozinha, talvez aquele passeio no meio do jardim botânico, quando buscava falar com as cinzas, as arvores, as raízes, os pássaros, algo que materializasse a permanência inconstante da memória de minha mãe, algum índice de sua vida de morta, ou o sorriso da minha filha, ou as fraturas no punho, talvez

agora quando já tenha atravessado as doutrinas que me formaram e delas me despedido, talvez nesse momento em que de novo não encontre mais nenhuma direção, neste mesmo momento. neste aqui. neste agora. vem ainda esse algo a espicaçar-me. me impondo. lembrando que essa coisinha chamada eu vive como subjétil de tantos outros.

mas no meio deles. arfando uma brecha de ar. esse desassossego. que sou obrigada a levar comigo. que passo agora para vocês. como o único presente que sobrou daquele imenso desconhecido. ele mesmo. que me impõe dizer: o que estão tirando de nós nem sequer se pode falar que era uma esperança política em um mundo melhor, porque quando viemos ao mundo já nele haviam riscado a palavra esperança. e o seu correlato intramuros: a utopia. nesse outro mundo sequer vivemos. dele poucos registros ainda hoje existem. isto é um fato. deixado no rastro da fumaça do cachimbo daquele velho.

justo nesse exato momento é quando me foi pedido dizer a vocês. que o que estão retirando de nós são as migalhas. talvez com ela o desenho de uma seta. uma direção sem caminho.

nessa profunda crise ético e estética na qual me encontro. nesse não adianta que leio no rosto de cada um de vocês. em nome deles. escrevo. essas migalhas.

constatar que não há como chama-los. quando no entanto delegaram-me esse posto. ali em pé. dizendo alguma coisa que deveria no entanto chamá-los. eu que nunca consegui sequer falar no telefone. tenho agora que chamar vocês. que tantas vezes sequer estão. incerta outras de sua existência. ali nesse pequeno amontoado intramuros de eus.

sim vai passar. e por que repetem não passará? pensem.

como esperar que descubram que suas identidades são essas partes ínfimas. nem corpo esse troço consegue ser. desculpa. vou escrever bonito. intra ou infra muros. esses eus assujeitados. já não encontro mais. nem de um lado nem do outro. algum afeto que respeite um comum. um comum não é você nem eu. nem nosso. um comum é o que inventamos quando cruzamos com as nossas incertezas. sair do sujeito submisso do cristianismo, destruído em humildade. mas sair também do ego vigoroso. da hermenêutica indentitária e identificadora. dedo em riste. da retórica elitista e pastoral. sair da egologia negativa da psicanálise. sair da identidade fixada prestes a interpretar como julgar o outro e a si, em proveito do que?

das migalhas. essas que aqui e agora escrevo de novo para vocês. e aviso: elas são só um meio. não há nada depois da cabana. ali no meio da floresta. plantada. era uma vez uma cabana. no meio do caminho.

Ana Kiffer autora de «Antonin Artaud» EDUERJ 2016. E «Expansões Contemporâneas, literatura e outras formas» com Florrencia Garramuno, UFMG.

---